

*O objeto língua:
unidade constituída
pela ausência*
Repercussões para a abordagem do discurso

Marlene Teixeira¹

*No interior das fronteiras já está o estrangeiro (...)
Tudo ocorre como se a própria delimitação fosse a ponte
que abre o dentro para seu outro.*
(M. de Certeau, 1994, p. 215)

1. Introdução

Este texto destina-se a discutir a possibilidade de abordar o discurso, ultrapassando-se os limites da lingüística imamente, sem diluir a análise nos domínios que lhe são conexos, ou seja, trata-se de buscar elementos que permitam pensar a intervenção da *exterioridade* no próprio objeto *língua*².

A reflexão sustenta-se na idéia de que a lingüística, para constituir sua cientificidade, deixou a descoberto um *resíduo* que ela precisou abandonar para se configurar como unidade. No entanto, ainda que todas as precauções para delimitar um campo como estritamente lingüístico sejam tomadas, encerrando-se a língua nela mesma, isso que a *excede* inevitavelmente retorna ao próprio objeto, pois só tem existência nele.

O gesto pelo qual Saussure confere caráter disciplinar à lingüística, distinguindo-a das outras ciências também interessadas na linguagem, não escapa às dificuldades inerentes a toda

¹ Doutora em Letras pela PUCRS. E-mail: tmlt@cpovo.net

² A discussão feita neste artigo integra a tese da autora (cf. bibliografia).

tentativa de delimitação de objeto. De acordo com V. Flores (1997, p. 14), *quando a Ciência tradicionalmente elege determinadas questões para integrar seu escopo disciplinar, coloca na exterioridade de seu objeto problemas que não deixam de dizer respeito ao cientista. É exatamente a relação da lingüística com esse excedente que será aqui colocada em pauta*³.

Busco no próprio Saussure as pistas que permitem olhar para a exterioridade da lingüística, desde seu próprio interior, pois considero que o autor, em virtude da densidade de sua teoria, deixou uma "herança" contraditória, que tanto pôde dar origem a métodos puramente formais - encontrados nas versões extremas do estruturalismo, que desconhecem o sentido e reduzem a língua a um sistema de formas - como também é a referência na qual se fundamentam estudos como os de Benveniste, Pêcheux e Authier-Revuz, dedicados à enunciação e ao discurso.

O pressuposto aceito por este trabalho pode assim ser expresso: se Saussure, de um lado, provoca exclusões para circunscrever o *Um*, ele mesmo, de outro lado, autoriza a rever essas exclusões (Flores, 1997, p. 41). Tal posicionamento baseia-se em interpretações que tomam o CLG e os *Anagramas* articuladamente, vendo aí a insistência de *Não-Um*⁴. É o caso de Milner (1978), que encontra traços disso que falta à lingüística na própria noção de signo e nas elaborações sobre os anagramas, e de Gadet & Pêcheux (1981), que remetem a possibilidade de tratar o "reverso" da língua ao princípio saussuriano do valor.

A discussão proposta a seguir, então, diz respeito fundamentalmente ao modo como se organiza o terreno de estudo da lingüística a partir do *corte* que a institui como ciência: trata-se de sucumbir ao *tédio*⁵ da orientação imanentista? ou deve-se renunciar à especificidade conquistada por Saussure, promovendo a pulverização do objeto língua no biológico, no psicoló-

gico, no social? Que destino dar a esse *resto* deixado de fora pelo gesto de constituição da ciência e que incessantemente teima em comprometer a sistematicidade?

É preciso dizer, antes de prosseguir, que recorro ao campo da psicanálise para pensar a inclusão, nos estudos da linguagem, daquilo que foi recalcado no ato de fundação da lingüística (o sujeito e o sentido). Ou seja: é pelo viés da psicanálise que a teoria de Saussure será aqui interpretada. Filio-me assim ao ponto de vista defendido por J. Authier-Revuz, segundo o qual uma heterogeneidade teórica à lingüística precisa ser previamente definida pelo pesquisador quando se trata de passar da consideração da *língua* - concebida como fechada sobre si mesma, à maneira das correntes imanentistas - à consideração do *discurso*. De fato, essa passagem implica abandonar um domínio homogêneo, onde a descrição é da ordem do "UM", por um campo duplamente marcado pelo "NÃO-UM"⁶, pela heterogeneidade teórica que o atravessa (1998, p. 166). Dada a relevância dessa questão, dedico algumas palavras a seu esclarecimento.

Segundo Authier-Revuz, o teor das explicações relativas aos fatos da língua, nas abordagens que levam em conta a enunciação e o discurso, tem relação com o estatuto que o lingüista confere ao sujeito. A esse respeito, duas concepções estão em causa: a de *sujeito-origem* e a de *efeito-sujeito*. Sendo assim, dois exteriores teóricos colocam-se para a lingüística: a psicologia e suas variantes *neurais ou sociais* (Authier-Revuz, 1998, p. 16) e a psicanálise. Naturalmente, a convocação de um desses domínios, impede a do outro, pois há uma *fratura* radical entre ambos. Authier-Revuz (1998, p. 16-7) traz reflexão interessante sobre as conseqüências, para a pesquisa lingüística, de se tomar uma ou outra concepção de sujeito. Se uma corrente se apóia, explícita ou implicitamente, em um *sujeito-origem*, fonte intencional do sentido que ele exprime por uma língua-instrumento de comunicação, é então coerente considerar que *o enunciador está em condições de (se) representar sua enunciação e o sentido que aí "produz", e que talvez lhe seja transparente* (ibid, p. 16). No entanto, se o sujeito for tomado como *efeito*, sujeito produzido pela

³ Destaco o trabalho de Flores (1997) como fundamental para o desenvolvimento das idéias aqui colocadas, especialmente no que se refere ao modo como o autor aborda a relação um/não-um na constituição do objeto da ciência lingüística.

⁴ Os termos *Um* e *Não-Um* devem ser tomados, respectivamente, como *totalidade*, *não-totalidade*.

⁵ A expressão é de Milner (1978).

⁶ A autora se refere aqui à dupla heterogeneidade que afeta o campo da enunciação: de um lado, a dos fatos lingüísticos observados (cf. 1982); de outro, a das escolhas teóricas acionadas para a descrição desses fatos.

linguagem, tomado numa divisão constitutiva, o estatuto dos fatos observáveis só pode ser outro, pois a possibilidade de transparência é aí imaginária.

Observando o grande conjunto dos estudos lingüísticos contemporâneos, percebe-se que a explicitação da exterioridade teórica, via de regra, ou é silenciada ou se dá pela dissolução da língua como *ordem própria* em proveito de um objeto outro que diz respeito a domínios bio-psico-sociais (cf. item 3, mais adiante). Num e noutro caso, a idéia de homogeneidade da ciência lingüística é preservada. Se o caráter da escolha teórica em relação ao sujeito é silenciado, torna-se a encerrar a língua nela mesma, pois nada do que fica como *resíduo* pode aí ter lugar. Se o objeto língua sofre uma dissolução no psicológico, no biológico ou no social, aposta-se que esses domínios possam vir a complementar o que falta à lingüística. O *fantasma* da completude da ciência caracteriza, portanto, as duas perspectivas.

Não é no intuito de buscar uma complementação em relação à lingüística ou à teoria do discurso que a psicanálise é chamada a intervir. Ao reconhecer uma heterogeneidade teórica, Authier-Revuz não rejeita a especificidade de uma disciplina constituída, a lingüística, com um objeto real definido, a língua. Na sua perspectiva, porém, esse objeto é radicalmente constituído pela *falta* daquilo que a lingüística teve que abandonar para se configurar como ciência. Isso que falta insiste na língua, comprometendo a regularidade. Para estudar esse fenômeno, já vimos, é preciso recorrer a um campo exterior à lingüística propriamente dita. Na concepção da autora, esse recurso à exterioridade não tem, de modo algum, um caráter de complementação, ou seja, reconhecer a heterogeneidade teórica própria ao campo enunciativo não significa aderir ao projeto de um objeto interdisciplinar "total", pelo qual se restauraria a completude da ciência lingüística.

A proposta de Authier-Revuz encontra eco na formulação de Leite, segundo a qual o apelo à psicanálise não deve ser tomado dentro do modelo usual de interdisciplinaridade, pelo qual se tenta restituir o que falta a um saber, recorrendo-se a outro. Trata-se, isso sim, de pensar na *afetação de um discurso por outro, configurando o avanço teórico de um campo em função de sua exposição ao saber do outro* (1994, p. 16).

Resta indicar agora os passos a serem seguidos por esta reflexão:

- a) mostrar que, para adquirir *status* científico, a lingüística teve que operar exclusões, colocando como exterior a seu objeto (a *língua*) questões que não deixam de lhe dizer respeito (o sujeito, a referência, a historicidade), que sem cessar insistem em retornar a seu objeto, pois só aí têm existência;
- b) propor, a partir de indicações presentes em Milner (1978), Gadet & Pêcheux (1981) e Normand (1990), que a teoria saussuriana tem em si os elementos que permitem falar da língua (Um) e seu reverso (Não-Um);
- c) reconfigurar a noção de *língua*, no sentido indicado por Milner (1978), ou seja, sem deixar de tomá-la como estrutura, mas reconhecendo nessa estrutura um *ponto de falta irremediável* (o real da língua), que se manifesta como uma série de *equivocos*, que não têm outro lugar de representação senão a própria língua.

Dirijo estas reflexões especialmente aos analistas de discurso que definem a especificidade de seu campo de estudo pelo recurso à lingüística, ou seja, aos que conferem à língua um lugar na análise dos processos discursivos.

2. A Cientificidade da Lingüística

Uma pesquisa empírica não se torna ciência, como diz Ducrot (1995, p. 245), a não ser quando se decide a "construir" seu objeto. Em nome do rigor, essa construção não acolhe a multiplicidade de aspectos que constituem os fenômenos observáveis em um campo de investigação. Via de regra, o que o pesquisador faz é elaborar os conceitos com a ajuda dos quais poderá interrogar os dados da experiência.

É sob essa perspectiva que, no *Curso de Lingüística Geral* (CLG)⁷, Saussure trata de definir que aspectos do complexo fe-

⁷ Obra póstuma, organizada por dois alunos de Saussure (Charles Bally e Albert Séchehayé) a partir de anotações feitas nas três séries de conferências de seu curso (1907, 1908-1909, 1910-1911), publicada em 1916. Uma comparação entre as notas manuscritas de Saussure e o CLG publicado, encontra-se

nômeno da linguagem a lingüística deve privilegiar para conquistar *status* no terreno científico. Seu propósito é bem claro: fundar a lingüística como ciência⁸ pela definição de um objeto e de um método próprios. Essa preocupação central decorre de sua insatisfação com a linha essencialmente histórica e comparativista em que vinham sendo conduzidos os estudos da linguagem na época, totalmente desatentos quanto à descrição dos fatos lingüísticos⁹.

Para realizar seu propósito, Saussure precisou conceber um objeto propriamente lingüístico, identificável no conjunto dos fenômenos que constituem a linguagem, extremamente heterogêneos para serem contemplados por um empreendimento que se pretendia científico. No todo que é a linguagem, o autor distingue *língua e fala*, separando o que é social do que é

em Godel, *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genebra-Paris: Droz, 1957.

⁸ O ponto de vista de que Saussure funda a lingüística não é compartilhado por todos. Milner, por exemplo, diz que não há nada da lingüística sincrônica pós-saussuriana que já não esteja na gramática comparada. Para ele, o CLG, *entendendo-o bem*, é apenas a *exposição das condições conceituais que tornam possível a gramática comparada*, que, pela exclusão da referência e o isolamento do formal, abre a possibilidade de uma notação simbólica. O que pôde fazer crer que Saussure institua uma ciência inédita é o fato de os conceitos de *língua*, de *signo*, de *diferença*, etc. poderem ter um alcance mais geral, autorizando outras abordagens (1987, p. 21). C. Normand (1990) considera que Saussure incorpora as idéias de seu tempo sob um enfoque totalmente novo (a arbitrariedade do signo, por exemplo, não é uma tese inédita). Sem levar adiante essa discussão - o que extrapolaria os objetivos deste trabalho - mantenho a referência a Saussure como fundador da lingüística moderna, tendo em vista que é ele quem confere à lingüística uma epistemologia.

⁹ Em um dos poucos documentos pessoais que se conhece de Saussure - uma carta de 1894 - ele se declara aborrecido com a situação em que se encontram os estudos da linguagem, o que não possibilita que se escrevam sequer dez linhas sensatas sobre o assunto; refere-se à total inadequação da terminologia em uso na lingüística e à falta de clareza sobre o seu objeto de estudo. A crítica de Saussure dirige-se aos chamados *comparativistas e neogramáticos* do século XIX, preocupados, por um lado, em reconstruir os passos pelos quais os elementos de uma língua indo-européia transformaram-se nos elementos do Sânscrito, do Grego, do Latim, etc., e, por outro lado, em mostrar, em determinado estágio de desenvolvimento da língua, como os elementos históricos eram organizados num sistema peculiar a essa língua. Nas três séries de conferências que vieram a constituir o CLG, Saussure acabou propondo uma reformulação de conjunto da lingüística, que tornou possíveis as realizações do século XX nessa área (Culler, 1979).

individual, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. Institui a língua como o único objeto que pode dar lugar a uma racionalização científica, e a define como *algo adquirido e convencional*, social em sua essência e independente do indivíduo (ibid, p. 17). A fala, por ser individual, não pode ser vista sob o princípio da generalidade, ficando, portanto, *de fora* do interesse da lingüística saussuriana (ibid, p. 21). Ao desembaraçar-se da fala para constituir-se como ciência, a lingüística deixa de lado também aquele que a executa, o sujeito.

Uma grande divisão se opera no campo dos estudos lingüísticos a partir da dicotomia língua/fala, separando-se uma "lingüística externa" de uma "lingüística interna". As relações entre a língua e o que não é ela¹⁰ (a história, as instituições, a política, as circunstâncias) constituem "fenômenos lingüísticos externos" cujo estatuto deve ser rigorosamente separado daquele da "lingüística interna", a que interessa o estudo da língua como um sistema que não conhece senão sua *ordem própria*.

Essa idéia de *ordem própria* da língua, que aparece esporadicamente nas pesquisas do século XIX, torna-se uma questão teórica fundamental no CLG. É ela que funda o *princípio da imanência*, pelo qual a lingüística descarta numerosos fenômenos que os comparativistas não viam inconveniente em fazer coexistir na descrição das línguas (Normand, 1990, p. 17-18).

A proposta de estudar a língua em si e não em função de outra coisa é reforçada pelo modo como Saussure concebe tanto o *signo* - de modo especial no que se refere ao *princípio da arbitrariedade* - como a *teoria do valor*.

O signo lingüístico é definido pelo autor como *uma coisa dupla, constituída de dois termos (...), ambos psíquicos e unidos em nosso cérebro por um vínculo de associação* (ibid, p. 79). O signo não une uma coisa a uma palavra, mas um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante) (ibid, p. 80). Ele não refere nem representa o mundo, sendo mantido à distância do referente, este remetido ao exterior do campo de estudo pelo princípio da arbitrariedade, que afirma não haver nenhum elo natural ou inevitável entre o significante e o significado. A teoria do signo, em Saussure, está, portanto, desvinculada de uma teoria das

¹⁰ A expressão é de J. Authier-Revuz (1998).

coisas, uma não podendo agir como causa da outra. Por *coisa* é preciso entender tanto os pensamentos das coisas (os conceitos) quanto as coisas materiais, ou seja, tudo aquilo a que um signo pode ser associado (Milner, 1987, p. 72).

É pelo fato de ter uma identidade independente da ordem das coisas que o signo pode ser identificado pela relação que mantém com outros signos do sistema (Flores, 1997, p. 35). A definição de signo, portanto, é ela própria inseparável da definição de língua como *sistema de signos*. A *teoria do valor* é formulada para explicar esse modo particular de existência dos signos. *A língua é um sistema de valores puros*, diz o autor (1977, p. 130), o que significa tomar os signos como puramente diferenciais, definidos negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Os signos, enquanto unidades dotadas de significante e significado, têm sua significação submetida às relações imanentes do sistema, e não à relação com o mundo dos objetos. Dito de outro modo, eles não têm nenhuma realidade independente de sua relação com o todo. Delineia-se aí uma ordem puramente relacional, para a qual a "exterioridade" não importa.

A lingüística coloca-se, assim, como uma totalidade na ordem dos saberes, porque tem método e objeto próprios. O *objeto* é a língua, sistema de signos lingüísticos, concebida por oposição à fala, ato individual de vontade e inteligência. O *método* é a descrição do sistema em termos de oposições relacionais regidas pelo princípio do *valor*. A *cientificidade* é garantida pela definição do objeto como um sistema cuja organização é o *valor* que os elementos têm no conjunto, e todas as operações são deduzidas desse princípio (Flores, 1997, p. 46). Além do sujeito, outra exclusão se faz pelo gesto que institui a lingüística moderna: a da referência, pois conceber o signo numa rede de oposições é necessariamente excluí-lo da relação com a realidade extralingüística.

O ponto de que Saussure parte, apesar de todas as suas vantagens - é por ele que o campo se constituiu e manteve sua autonomia - fica como uma "pedra no caminho" da lingüística, freqüentemente colocada diante da necessidade de se pronunciar diante dos problemas que teve que descartar para constituir sua cientificidade. Enquanto algumas correntes sustentam a

qualquer preço e até exacerbam o princípio da imanência, outras vêem o fechamento no sistema como um lugar de "asfixia" que a lingüística precisa urgentemente superar.

O nó desse debate - e pelo qual proliferam diferentes perspectivas no campo - localiza-se na relação da lingüística com a sua *exterioridade*. C. Normand coloca assim a questão: de um lado, *a abertura, a promessa de um alargamento do domínio e o fascínio pela diversidade concreta, com o risco de uma descrição não homogênea*; de outro, *as fronteiras estritas e os modelos formais, que alguns reprovam por não poderem dar conta verdadeiramente do concreto* (1990, p. 20).

Resumindo, quando se começa a questionar que o objeto da lingüística possa não ser assim tão uno e homogêneo, delinea-se uma série de propostas *inter / multidisciplinares que tentam preencher complementarmente o vazio deixado quando da abordagem científica dos fenômenos da linguagem* (Leite, 1994, p. 114). Algumas dessas alternativas, no intuito de escapar ao esgotamento provocado por um estudo que se enclausura num sistema imanente, trazem o risco de comprometer os avanços obtidos com a utilização do objeto língua tal como foi definido por Saussure. Examinando, no próximo item, essa questão, tomando as indicações presentes em D. Maingueneau (1988), M. Pêcheux (1982), J. Authier-Revuz (1995, 1998),

3. A Lingüística e o que não é ela

Numa reação contra o "fascínio" pelos formalismos - tanto de tipo estruturalista como gerativista - desenvolve-se, a partir dos anos 70, toda uma tendência a contemplar essa exterioridade, colocada de lado no ato fundador da lingüística, e que não deixa de aparecer *sob diversas formas - situação, contexto, referente, locutor, enunciador, sujeito falante, atos de linguagem, poder das palavras, etc.* (Pêcheux, 1984, p. 8). Proliferam as gramáticas de texto, os trabalhos em lingüística pragmática e enunciativa, as pesquisas sociolingüísticas, além de diferentes funcionalismos sócio-psicologistas, inscritos na linha das "sociologias da linguagem".

Em artigo que busca traçar os rumos da lingüística diante da clivagem proposta por Saussure, Maingueneau (1988)

distingue dois níveis de análise, opondo uma lingüística da língua (A) a uma lingüística do discurso (A'). Movida pelo ideal de homogeneidade, a abordagem A procura delimitar seu território, definir as fronteiras de sua autonomia, e recorre a uma escrita formal que lhe permita, ao mesmo tempo, qualificar-se no registro de uma certa cientificidade e representar as propriedades das línguas naturais.

Já a abordagem A' caracteriza-se por multiplicar seus contatos com os campos vizinhos, construindo com eles uma rede de articulações (ibid, p. 24-25) para dar conta disso que foi deixado fora pelo ato fundador da ciência lingüística. Seus procedimentos dependem largamente dos interesses que a governam e da natureza dos campos com os quais ela está em relação. O autor identifica três categorias de disciplinas na abordagem A': disciplinas de aplicação, disciplinas conexas, disciplinas filológicas (ibid, p. 27), diferenciadas pelo modo como se relacionam com a abordagem A.

O grupo de disciplinas de aplicação, em que está incluída a vertente pedagógica, guarda uma certa distância em relação à abordagem A, tendo em vista que sua validade depende da aptidão com que obtém certos resultados e não de sua capacidade de descrever as propriedades lingüísticas. No ensino de uma língua viva, por exemplo, os pressupostos psicológicos ou sociológicos são tão importantes quanto o saber propriamente lingüístico.

As disciplinas que Maingueneau chama de conexas são as que se inscrevem plenamente no par *língua/discurso*; elas se encontram numa relação conflituosa com a abordagem A. Seus adeptos oscilam entre uma atitude "maximalista" e outra "minimalista". A atitude minimalista se satisfaz com uma relação de complementaridade com a abordagem A. As abordagens aí inscritas desempenham um papel de "lingüística da fala", para empregar uma expressão saussuriana, ao lado de uma "lingüística da língua".

A atitude maximalista, por sua vez, visa a uma *subversão geral do campo*. Desenvolve a idéia de que é preciso estabelecer uma "nova lingüística", uma "outra lingüística" que permita reconstruir o terreno a partir de um referencial exorbitante em relação à ordem estritamente lingüística: agir sobre o outro,

argumentar, defender um território, manifestar uma inscrição ideológica, etc. É nessa atitude, conforme Maingueneau, que se encontra a sobreposição de disciplinas que caracteriza a abordagem A', em que os referenciais se confundem, de modo que uma teoria da linguagem depende de uma teoria do texto e esta de uma teoria da comunicação que, por sua vez, depende de uma semiologia (ibid, p. 29). Cabe salientar que a autonomia da lingüística corre sério risco de pulverização por essa atitude.

Finalmente, o grupo das disciplinas filológicas, embora não se confunda com a abordagem A, não entra em conflito com ela, e, de modo algum, pensa em substituí-la. Essas disciplinas - entre elas, a análise de discurso de orientação pêcheutiana - têm por finalidade a leitura de um *corpus*, através da *materialidade lingüística*.

As observações de Maingueneau podem ser assim sintetizadas: de um lado, busca-se manter, pela abordagem A, a idéia de um "núcleo duro", de uma "lingüística pura", para a qual as teorias do grupo A' nada mais são do que nebulosas. De outro, promove-se a instituição de uma zona de perigo pela qual a lingüística pode vir a se dissolver, diluindo seu objeto em favor de outros domínios. Há ainda uma terceira alternativa, que, sem descartar a ordem lingüística, busca contemplar o discurso.

Passo agora a mostrar a posição de Pêcheux a respeito do tema focalizado neste item. O autor dedica o texto *Sur la (dé-)construction des théories linguistiques* (1982) à discussão do efeito-Saussure na trajetória da lingüística, concluindo que o ideal saussuriano de que a lingüística só deve reconhecer e explorar seu domínio próprio não se cumpriu propriamente. Aspectos da história da disciplina revelam uma alternância entre períodos de dispersão e de reunificação em torno das questões que promoveram sua unidade acadêmica.

Nos anos 20, por exemplo, a lingüística, vagando do Círculo de Moscou ao Círculo de Praga, Viena e Copenhague, empreende interpretações sociologistas, logicistas ou psicologistas das intuições saussurianas. Já os anos 50 dão a impressão de que a teoria de Saussure reencontra seu lugar, estendendo-se por um amplo domínio, do funcionalismo de Martinet às teorias behavioristas da comunicação e ao estruturalismo distribu-

cional de Bloomfield. No entanto, segundo Pêcheux, sob a forma dominante do funcionalismo, a lingüística dessa época está presa ao *fantasma interdisciplinar da comunicação* (ibid, p. 10).

O advento do estruturalismo - entre 1960 e 1975 - busca livrar a lingüística do funcionalismo sócio-psicologista, pela retomada de Saussure e o apoio em teorias como as de Jakobson e Benveniste. O efeito desse *retorno às origens* se fez sentir, com conseqüências diversas, no campo da literatura (Barthes e Kristeva), da antropologia (Lévi-Strauss), da psicanálise (Lacan), além de constituir posições originais no próprio campo da lingüística. Pêcheux cita o trabalho de Culioli (1968) sobre a lógica de Frege, os novos desafios da Gramática Gerativa Transformacional (GGT), a elaboração de uma teoria formal da gramática, capaz de *construir* os fenômenos enunciativos, em lugar de simplesmente constatá-los e ainda a reflexão singular de Milner, dedicada a discernir o que, do próprio interior da GGT, resiste a seu desvio epistemológico interno, a *essa opacificação do fato inconsciente de "lalangue" sob a construção racional da gramática de uma língua*.

Nos anos 80, Pêcheux observa um esgotamento do efeito-Saussure, detectando entre os lingüistas um largo consenso anti-saussuriano (e anti-chomskiano)¹¹, assentado na idéia - *simples, mas eficaz!* - de que a lingüística formal *é falaciosa e inútil, e que é urgente se ocupar de outra coisa* (ibid, p. 7). O autor interroga-se se essa "aversão teórica" não pode conduzir a lingüística a uma perda de sua identidade em favor de questões que dizem respeito à biologia, à lógica e à psicologia, domínios que constituem seu "exterior" epistemológico.

Refletindo nessa mesma direção, Authier-Revuz (1995) chama a atenção para o fato de que quando se abre o objeto *língua* para *outra coisa* além do estrito sistema da língua, não é para o lugar onde *a língua encontra um sujeito* que se vai, mas para aquele que promove o apagamento da especificidade desse objeto como *ordem própria*, em proveito de aspectos psicológicos, sociológicos ou biológicos, de modo a não ameaçar a ho-

¹¹ Não desconheço a importância de Chomsky para a lingüística, no entanto, tomo somente a lingüística saussuriana como objeto de atenção, neste trabalho, porque sua relação com as perspectivas discursivas e a psicanálise é bem mais evidente.

mogeneidade teórica e a completude do campo. Quanto a este aspecto, ela destaca duas tendências na pesquisa: nada é lingüístico X tudo é lingüístico.

A primeira tendência, pensando *contra* Saussure, aponta para uma lingüística *esvaziada* em proveito do social. Authier-Revuz cita Bourdieu como representante "exemplar" dessa dissolução da língua no social, embora reconheça que essa tendência está muito presente em numerosas abordagens no campo da sociolingüística¹², bem como no Voloshinov de *Marxismo e filosofia da linguagem*¹³.

O modo radical sob o qual Bourdieu opera uma homogeneização do campo sob a "liderança" do social consiste em não reconhecer à língua, remetida ao estatuto de artefato produzido por gramáticos e lingüistas, nenhum outro estatuto a não ser aquele de setor particular onde se exercem as causas sociais. Numa perspectiva como essa, não se reconhece a língua como estrutura nem como espaço de equívoco, a língua não toca nenhum *real*, não constitui um objeto por si mesma, sendo um exercício particular do social.

Quanto a Voloshinov, a abertura com que ele vê a língua *viva e concreta* passa de fato por uma *sociologização* integral desta, associada a um desconhecimento, que Authier-Revuz chama de "ofensivo", da dimensão de sistema de diferenças da língua saussuriana, transformada em *palavra monológica acabada, isolada, separada de seu contexto verbal em ato*. Voloshinov denuncia o conceito de língua como produção ideológica da *lingüística unificante*, segundo uma análise semelhante à de Bourdieu. Authier-Revuz recusa radicalmente a anulação da língua no social tal como é explicitada nessas abordagens.

Se o *tudo é social* apaga o real da língua e com ele a heterogeneidade do campo enunciativo, o *tudo é lingüístico* - tendên-

¹² Gadet (1982) discute o apagamento da ordem propriamente lingüística que promovem algumas abordagens do discurso, especialmente identificadas com a linha anglo-saxônica. Chama a atenção para o fato de que a interpretação não pode se fazer a partir do *exterior*, procurando-se aí o que está escondido sob o dito.

¹³ Authier-Revuz atribui a autoria dessa obra a Voloshinov. Há uma polémica quanto a isso. Ver Clark & Holquist (*Mikhail Bakhtin*. Cambridge: Harvard University Press, 1984) e Morson & Emerson (*Rethinking Bakhtin: Extensions and Challenges*. Evaston, Ill: Northwestern University Press, 1989).

cia que ela vê representada pela semântica argumentativa de Ducrot - não é senão uma variante da homogeneização do campo da enunciação e do sentido (ibid, p. 52-54), pelas exclusões do referente, do sujeito da enunciação, da relação interlocutiva, da história, sob as quais se fundou a lingüística.

Trabalhar no campo enunciativo não é seguir nenhuma dessas tendências, pelo que se depreende das formulações da autora. De fato, é do plano do lingüístico que parte seu estudo da *modalidade autonômica*, pois aí é o lugar em que o *real* resiste ao dizer - quando se suspende localmente o modo *standard* do que *vai por si* - abrindo no dizer *pontos de não coincidência* (ibid, p. 58)¹⁴.

Maingueneau, Pêcheux e Authier-Revuz, nos textos acima referidos, têm em comum o fato de trazerem à discussão as conseqüências, para a lingüística, do surgimento de disciplinas paralelas, preocupadas em acolher o que foi descartado pelo ato de Saussure. São disciplinas que, perseguindo o fantasma da completude, visam a preencher o vazio instaurado a partir da idéia de "complementação" do objeto com elementos vindos de fora. O que esses autores parecem indicar é que o ato de ultrapassagem do formalismo não deve promover a desconstrução do objeto *língua*, pelo qual a lingüística detém sua especificidade.

A seguir, busco justificar a posição assumida no início deste texto de que a ultrapassagem do estrito formalismo em lingüística, na linha indicada acima, está autorizada pelo próprio texto de Saussure. Para fundamentá-la, trago formulações de Milner (1978), Gadet & Pêcheux (1981) e Normand (1990).

4. A Língua e seu Reverso

4.1 O *real* da língua

Desde Aristóteles, a ciência tem relação com a completude, os epistemólogos tendo sempre se empenhado em estabelecer, de diferentes modos, os lugares de ancoragem de um

¹⁴ A proposta que Authier-Revuz defende em sua tese, apoiada na teoria do discurso e do sentido das últimas publicações de Pêcheux (1980-1983) e na noção laciana de sujeito clivado, afirma o estatuto constitutivo da heterogeneidade.

Todo, que é tomado como garantia de cientificidade. Tão central é a preocupação em encontrar as vias de acesso ao universal que não ocorre aos cientistas suspeitarem dele (Milner, 1987, p. 45-6).

Na contravia do que se afirmou acima, Milner, em *O amor da língua*, interroga-se, em relação à lingüística, se o *todo* é lícito, e o faz a partir da referência à psicanálise, que, segundo suas palavras, permite enunciar que *em matéria de língua, a ciência possa faltar* (ibid, p. 8). Falando de um lugar de descrença em relação à *palavra-mestra* e à *universalidade dos discursos* (ibid, p. 9), ele revê os princípios pelos quais a lingüística se instituiu como totalidade na ordem dos saberes, e aí mesmo surpreende o *equivoco* que a desestratifica.

A reflexão de Milner se caracteriza pela densidade; são poucas páginas para uma abordagem de variadas nuances e não é meu propósito tentar recuperá-la exaustivamente. A leitura que aqui faço vai girar em torno da pergunta que o autor formula logo no início de sua obra - *O que é a língua se a psicanálise existe?* (ibid, p. 17) - em consonância com a interrogação de Lacan (1965): *O que será uma ciência que inclua a psicanálise?* (apud Milner, 1996, p. 31).

É porque a psicanálise intervém que a língua pode ser vista como objeto de uma *ciência* (o discernível) e de um *amor* (o impossível); e é o próprio Saussure - pela noção de *signo* e pela pesquisa sobre os anagramas - quem abre a via de sustentação da tese milneriana de que a língua é uma realidade falha, em que o equivoco não cessa de aparecer.

A idéia básica que será desenvolvida a seguir é então a de que Saussure inscreve a ciência lingüística numa completude, que sua obra, paradoxalmente, vem, de diversas maneiras, comprometer. O CLG, reconhecido pelos universitários, e os folhetos de poética, ignorados por eles, dizem a mesma frase que sem dúvida articulava o desejo de Saussure: *o Um que marca a língua vem de outro lugar* (Milner, 1987, p. 68).

Julgo necessário reiterar aspectos já desenvolvidos anteriormente para aí assentar a continuidade da discussão. Foi dito que a lingüística garante sua totalidade no campo da ciência pela definição de seu objeto como um "todo em si", constituído num sistema fechado, que comporta uma inteligibilidade in-

trínseca, independente das variações individuais e de tudo o que pode figurar como "coisa do mundo". Essa necessidade de isolar um objeto pela exclusão de outros responde à procura do ideal de ciência livre de irregularidades não compatíveis com o paradigma imanentista (Flores, 1997, p. 47). Saussure segue o modelo euclidiano de ciência, o único que a filosofia reconheceu até data recente (Milner, 1987), pelo qual todos os conceitos são deduzidos de um mínimo de axiomas (*A língua é um sistema de signos*), que, por sua vez, devem ser expressos por um mínimo de conceitos que não se demonstram (o conceito de *signo*).

A palavra *ciência*, nesse modelo, evoca domínios de investigação claramente definidos, a respeito dos quais os cientistas aperfeiçoam métodos de análise e elaboram conhecimentos que se articulam num todo coerente. No caso da lingüística, essa imagem integrada que a ciência evoca encontra, incessantemente, um impasse: *tudo não se diz*. É a partir dessa afirmação de Lacan (1985, p. 124) que Milner formula a tese de que "*a língua suporta o real da alíngua*"¹⁵ (ibid, p. 19), ou seja, toda língua contém uma partição (representada pela distinção entre correto e incorreto) que se sustenta pela existência de um impossível, inscrito na ordem da própria língua. Esse impossível dá lugar a uma proibição, o que vem atestar que existe ao menos um lugar de que não se pode falar: esse lugar é *lalangue*.

O conceito de *lalangue*, elaborado por Lacan¹⁶ para dar conta da equívocidade que trabalha sem cessar a língua, é desenvolvido por Milner, relativamente à lingüística, como um conceito que impõe limites ao de língua. Refere-se àquilo que pode ludibriar a univocidade inerente a qualquer nomeação. O

¹⁵ Trata-se do termo lacaniano *lalangue*, que a publicação para o português de *O amor da língua* traduz por esse neologismo. Utilizo "alíngua" somente nas citações literais de Milner. No restante do trabalho, mantenho a palavra francesa original *lalangue*.

¹⁶ Lacan introduz o termo *lalangue* simultaneamente à noção de *matema*. Através do conceito de *lalangue*, ele define a articulação do desejo à língua, ou ainda, um saber que se sabe na ignorância de si próprio e escapa à matematização. Já a palavra *matema* refere a *escrita do que não se diz, mas que pode se transmitir* (Chemama, 1995, p. 130). O autor opõe assim a idéia de uma transmissão integral - o matema - a seu contrário: o não-todo, o resto (Roudinesco, 1994, p. 364). Se com os *matemas* Lacan busca uma formalização que institua finalmente a psicanálise como ciência, com a noção de *lalangue*, desfaz-se em ato qualquer expectativa de completude.

recurso de Milner a esse conceito evidencia uma outra estratégia para se lidar com a falta que constitui a lingüística, num sentido diferente daquele trabalhado pelas disciplinas dedicadas a promover a "complementação" do objeto, conforme foi referido no item anterior. Trata-se de uma estratégia que faz incidir a falta sobre o próprio objeto de teorização (Leite, op. cit., p. 114), como será mostrado a seguir.

Para Milner, a lingüística assegura sua cientificidade porque ignora a falta e sustenta (ibid, p. 26):

1. que de *lalangue* ela não tem nada a saber;
2. que a rede do impossível que a marca é consistente e completa.

Ocorre que, como observa o autor, alguns estudos vêm mostrando que, no próprio objeto cercado, o não-todo volta a comprometer a ordem que seu apagamento permitiu estabelecer. São pontos em que se manifesta a presença do *homem na língua*, segundo expressão de Benveniste. Milner evoca a lista - não-fechada - desses fatos de língua com seus dados de *impossível*. É o caso do "ne" expletivo, assinalado por Damourette e Pichon, de que Lacan propõe uma análise *sutil*, dos *shifters* estudados por Jakobson e dos diferentes pontos de *expressão da subjetividade*, indicados por Benveniste: o sistema de pronomes, os indicadores da dêixis, a expressão da temporalidade e os verbos de fala, que *denotam por seu sentido um ato individual de alcance social*, o que, mais tarde, Austin chamará de *performativos*. Esses pontos têm uma característica comum: são segmentos que não podem ser descritos sem a intervenção do sujeito, de modo que a existência deles torna contraditória as exigências de completude e consistência da ciência lingüística.

Na interpretação do autor, em todos esses casos, pode-se levantar *dados de impossível* cuja explicação exige que se recorra não mais a um *sujeito falante simetrizável e não-desejante*, mas a um sujeito de enunciação *capaz de desejo e não-simetrizável* (ibid, p. 29). Irrompe assim, na simetria das regras e dos paradigmas, exatamente aquilo que corrompe essa simetria e que a regra simultaneamente busca apagar. O homem, sim, está na língua, mas como "ausência" (afanizado), como impossibilidade que

insiste em se dizer. Essa interpretação faz aparecer a falha que o próprio *real da língua* vem escrever na lingüística.

A utilização do termo *não-simetrizável* marca a discordância do autor com a concepção de sujeito que está pressuposta na teoria de Jakobson. Em texto publicado no ano de 1982, Milner traz à discussão o modelo de comunicação, tão caro aos estudos da linguagem, lembrando que Jakobson submete o par de locutores à *Lei da simetria*, fazendo emergir de sua teoria a *figura feliz* de um ser falante que encontra sua segurança na certeza de que, se não houver *ruído*, ele se comunica. No entanto, desde que a psicanálise interfira, dois sujeitos não podem jamais se reunir e é esse o nó de *lalangue* (Milner, 1987, p. 63). Isso faz com que, nesses *universos comunicacionais regularmente agenciados*, a desordem por vezes aponte, introduzindo uma dissimetria que nenhuma regra pode conter.

A seguir, busco mostrar que a tese de Milner já está sugerida em Saussure, tendo vazado sob a definição de signo e sob as palavras dos anagramas. Começo pela noção de signo, seguindo indicações do próprio autor (1978) e da interpretação que dele faz Flores (1997).

4.2. O signo lingüístico: identidade sustentada pela falta

Milner vê um paradoxo na proposição saussuriana de que o signo só representa a si mesmo na rede diferencial: o próprio elemento que deve assegurar a circunscrição do Um é atravessado pela multiplicidade das oposições na qual ele está preso (ibid, p. 54); ele não tem subsistência que assegure a instância do Um. Ou, nas palavras de Flores, *o estatuto da lingüística enquanto regularidade se dá sobre uma impossibilidade, uma ausência de totalidade sobre a qual o Um se institui*. A definição de signo exclui o sujeito, mas *dele depende para ter uma atribuição de identidade na estrutura* (1997, p. 47), o que conduz ao estudo do reverso do objeto circunscrito, isto é, a língua vista como substância e não como forma. O mesmo movimento pelo qual a lingüística se institui como um lugar de saber diz que é possível ver a marca de um ausente, de um não-dito, que não cessa de não aparecer (ibid, p. 21). Ou seja: *a língua suporta sua ordem negativa enquanto uma propriedade* (ibid, p. 41).

Segundo Milner (p. 54), o signo se ajusta a um silêncio:

ele é construído de sorte que o sujeito seja forcluído, sujeito cuja insistência e queda repetidas cercam o Um de cada um dos significantes na sua relação com um outro, e conferem a todos o Um-por-Um que os estrutura em cadeia. Dentre as propriedades do signo, o diferencial assegura a sutura desejada: a identidade só se sustenta da ausência de todo em Si para o signo.

Configura-se, então, como um *a priori* a figura de um *retorno do forcluído*:

(...) a circunscrição do Um, em lingüística, está unida a uma grande falta: o sujeito. Explico-me: o impossível está do lado do sujeito. O Um do signo, na rede diferencial, exclui o sujeito que é, entretanto, quem garante a atribuição de identidade do signo na estrutura (Flores, 1997, p. 40).

Pelo exposto, faz sentido a afirmação de Milner de que a chamada "loucura" de Saussure não se encontra apenas nos Anagramas, mas está também presente no CLG (ibid, p. 68), isto é, o CLG institui a língua como Um, mas não sem deixar implícita, na noção de signo, sua constituição pelo Não-Um.

Passo agora a examinar o modo como os anagramas¹⁷ autorizam a falar da língua e seu reverso, primeiramente, tomando a interpretação de Milner (1978), logo após, a de Gadet & Pêcheux (1981).

4.3 Os Anagramas: a palavra sob a palavra

Antes de mais nada, algumas rápidas palavras devem ser ditas sobre essa pesquisa a que Saussure dedicou muitos de seus últimos anos.

Estudando o verso saturnino, o autor desenvolveu a teoria de que os poetas latinos haviam ocultado, deliberadamente, anagramas de nomes próprios em seus versos. Acreditava ter

¹⁷ Verso latino muito antigo, ritmado por uma cesura constante, conforme nota da tradutora (apud Milner, 1987, p. 54).

descoberto um sistema suplementar de signos, um conjunto especial de convenções para a produção de significado, e preencheu muitos cadernos com observações sobre os vários tipos de anagramas que descobriu (Culler, 1976, p. 91-92). Henry (1988, p. 37-8) comenta que Saussure se engajou em uma obstinada busca de provas do caráter consciente e deliberado do uso do procedimento anagramático, agarrando-se à idéia de que a “palavra-tema”, a “palavra-indutora” é escolhida pelo poeta, que compõe seus versos curvando-se à regra anagramática assim como se curva a outras regras da versificação. Essas provas jamais se apresentaram a ele, que, no entanto, resistiu de todos os modos e com todas as forças a reconhecer nos anagramas alguma coisa que *escapasse* ao domínio consciente do poeta. Essa é a razão que o leva a duvidar de suas explicações e conjecturas sobre esse estudo, jamais autorizando sua publicação¹⁸. Os inúmeros cadernos em que ele registrou sua pesquisa foram cuidadosamente mantidos em segredo pela família e somente em 1964 Jean Starobinski os publicou parcialmente¹⁹.

O debate em torno da pesquisa anagramática levanta questões sobre as quais não há consenso. Terá essa descoberta representado, como argumentam alguns, uma crítica radical da teoria do signo, a tentativa de destruir a noção de estrutura? Ou, como sugerem outros, é a “loucura” de Saussure que aí vem à tona? Os anagramas assinalam o aparecimento de um Saussure oposto ao do CLG ou atestam o “reconhecimento” do *reverso* de um único fenômeno?

Dosse (v.1, 1993, p. 72) participa da tese de que os anagramas representam a dualidade de Saussure. Calvet (1975²⁰, apud Dosse, *ibid*, p. 72) chama de *segundo Saussure* este dos anagramas, pelo qual vem à tona a idéia de que existe *uma linguagem sob a linguagem, uma codificação consciente ou inconsciente das palavras sob as palavras, uma busca de estruturas latentes*, de que não há o menor traço no CLG. O autor sustenta que é preci-

¹⁸ Milner assinala que Saussure pensava perder sua reputação de sábio por haver acreditado reconhecer os anagramas (1982, p. 336).

¹⁹ J. Starobinski, *Mercurio de France*, fevereiro de 1964; depois, *Les Mots sous les Mots*, 1971. A publicação em português por mim utilizada é de 1978. As anotações que não foram publicadas continuam nas mãos dos responsáveis pelos “papéis” de Saussure em Genebra (Milner, 1987, p. 54).

²⁰ *Pour ou contre Saussure*, publicado pela Payot.

so privilegiar o Saussure dos *Anagramas* para poder chegar a estabelecer uma teoria da língua em suas relações com o inconsciente (apud Gadet & Pêcheux, 1981, p. 52). Kristeva (1968)²¹ também defende a idéia de que a obra saussuriana apresenta uma divisão crucial, vindo no trabalho dos *Anagramas* um acontecimento que *liquida a teoria do signo* (apud Gadet & Pêcheux, 1981, p. 52).

A discussão que aqui vem sendo feita é a da possibilidade de tratar a língua e seu reverso tomando-se o próprio fundador da lingüística moderna. Até o momento, foi visto como Milner sustenta seu ponto de vista a partir da teoria do signo. Segue-se sua interpretação dos anagramas.

Segundo o autor, *o anagrama nega o signo saussuriano*, pois não é nem diferencial, nem contingente ou arbitrário; ele transgredir o dualismo, confundindo a ordem dos signos e a ordem das coisas, a segunda funcionando como causa em relação à primeira; enfim, ele supõe o terceiro excluído da distinção, pois *é enquanto diferença dos elementos explícitos do texto que o nome anagramatizado é o princípio de organização do texto* (Flores, 1997, p. 44).

Uma vez definidos, os anagramas apareceram em todo lugar, impossíveis de serem sufocados: fora do verso saturnino, em todos os tipos de versos latinos, de qualquer data, e mesmo em versos modernos. O que foi tão chocante na descoberta de Saussure é que, para uma lingüística que nada queria saber da homofonia, cujo objeto era pensado como calculável no que ele tem de diferencial, o anagrama promove o retorno do *eco contingente* que vem desfazer toda a universalidade (*ibid*, p. 59)²². Pelo incontornável de seu *real*, ele coloca a língua em *excesso*: esta função de excesso é o que Milner chama de *lalangue* (*ibid*, p. 57). Tomando-se o CLG e os *Anagramas* como os dois lados de um mesmo fenômeno, conclui-se, por Milner, que Saussure aí deixa entrever a falha que o próprio *real* vem escrever na lingüística.

Na visão de J. Authier-Revuz (1995, p. 718), o percurso de *O amor da língua*, respondendo à questão *o que é a lingüística se a psicanálise existe?*, esboça o modo segundo o qual o *real da*

²¹ *Théorie d'ensemble*, publicado pela Seuil.

²² Segundo Lacan, é aí que Saussure espera por Freud (1985, p. 129).

língua - enquanto *forma*, no sentido saussuriano, rede diferencial de signos que se relacionam com o acabado, o regular, o representável, o Um se articula ao outro *real*, a que Lacan deu o nome de *lalangue*, que é, em toda a língua, o registro que a consagra ao equívoco.

Em *La langue introuvable* (1981), Gadet & Pêcheux, embora concordando com Milner quanto à indissociabilidade entre o Saussure do CLG e aquele dos *Anagramas*, consideram que esse autor não tira proveito da teoria do *valor* (ibid, p. 61), isto é, ele mostra o anagrama como reverso, mas não na sua articulação em um sistema de diferenças. Somente através dessa articulação é que se pode perceber a língua como investida de Não-Um, segundo Gadet & Pêcheux. Com ênfase na teoria do valor, então, eles procuram, no capítulo intitulado *Deux Saussure?*, mostrar os erros cometidos quando se lê Saussure.

4.4 Valor: um conceito que excede o sistema

4.4.1 Gadet & Pêcheux: o reconhecimento do equívoco que afeta a língua já está em Saussure

A tese de Gadet & Pêcheux é a de que o saber a respeito da relação entre o real e o *equívoco* já está presente na obra de Saussure, desde que ela não seja entendida como marcada por uma contradição essencial pela qual se justifica falar em "dois Saussure". De fato, essa tese assenta-se na crítica à visão, tida por eles como maniqueísta, que coloca um Saussure (o do CLG) contra o outro (o dos *Anagramas*). A teoria de Saussure não se divide dessa maneira, afirmam, propondo que a reflexão do CLG e o trabalho relativo aos anagramas sejam tomados em conjunto, sob a perspectiva dominante do conceito de *valor*, sobre cujas bases é possível articular o impossível a ser dito (os anagramas) com a regularidade do sistema. O raciocínio de Gadet & Pêcheux encaminha para a conclusão - que já está em Milner - de que se o CLG afirma a língua como sistema, os *Anagramas* trazem o seu reverso, só que, para eles, isso se dá num sistema de valoração. Em outras palavras, para Gadet & Pêcheux, tudo o que pertence ao sistema lingüístico vale porque tem algo que se exclui desse sistema e essa exclusão é uma questão de valor, como será mostrado a seguir. A apresentação

mais comum da obra de Saussure²³, segundo esses autores, coloca como núcleo de seu empreendimento a *arbitrariedade do signo*, regendo a relação entre significante e significado. A partir daí, há uma tendência a considerar que as relações de oposição de cada signo em relação aos demais elementos do plano lingüístico formam uma rede que comporta uma estrutura equilibrada, dentro de um campo de forças, onde cada elemento reage sobre todos os outros. Essa interpretação coloca o valor lingüístico como simples consequência que se deduz do sistema, posição que é contestada pelos autores, para quem o valor é a pedra de toque da teoria saussuriana²⁴.

Em seu entender, *o espaço do valor é o de uma sistemática capaz de subversão*, em que, em última instância, *qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa* (ibid, p. 58). O dito, efeito "em ausência" da associação, é concebido em sua relação com a "presença" do dizer do sintagma. Eis aí, segundo eles, o lugar onde o registro do inconsciente atinge a ciência da linguagem.

Para Gadet & Pêcheux, só é possível compreender-se a tese do valor unindo-se fundamentalmente a reflexão dos *Anagramas* e a do CLG. Os autores consideram que a descoberta dos anagramas representa o "reconhecimento" do equívoco na língua. Frente às teorias que isolam o poético fora do conjunto da linguagem, como um lugar de efeitos especiais, o trabalho de Saussure sobre os anagramas apresenta o poético como um deslizamento inerente a toda linguagem. O que o autor estabelece não é uma propriedade do verso saturnino, nem sequer da poesia, mas uma propriedade da linguagem e seus limites. A partir do estudo dos poemas saturninos, ele busca a explicação de um fenômeno interno à língua. Desse modo, embora não resolva a contradição, invisível antes dele, que une a *língua* com *lalangue*, o que Saussure faz é *abri-la, torná-la visível*. Ou seja: em Saussure, a formulação da questão da *língua* não exclui *lalangue* de seu horizonte, concluem Gadet & Pêcheux.

²³ Veja-se, por exemplo, Martinet e Marcellesi & Gardin.

²⁴ Os autores assinalam que, nas notas originais do CLG, o conceito de valor tem um lugar bem mais importante do que na apresentação feita por Bally e Séchehaye (ibid, p. 55).

A posição de que o conceito de valor é central em Saussure é compartilhada por C. Normand (1990)²⁵. Embora sem referir a problemática dos *Anagramas*, a autora reforça o ponto de vista de Gadet & Pêcheux em relação ao caráter “subversivo” dessa noção. Normand dedica-se a mostrar que o conceito de valor contém as indicações de uma semântica possível a partir de Saussure, em que o sentido é dado como não-todo. Suas observações, assim como as de Gadet & Pêcheux, apontam para o lugar em que o projeto saussuriano pode convergir com a psicanálise na teorização sobre o sentido.

4.4.2 C. Normand: a possibilidade de pensar a não-totalização do sentido a partir do CLG

Não concordando com a voz geral, segundo a qual Saussure só pôde fundar a lingüística porque eliminou dela o sentido, C. Normand (1990, p. 24) esclarece que o CLG, de fato, não exclui o sentido, mas uma certa abordagem do sentido corrente no século XIX, dedicada a estudar, essencialmente, palavras isoladas, seguindo-lhes a história particular, procurando as leis e as causas das mudanças que elas sofrem, segundo uma perspectiva diacrônica. A hipótese da autora é a de que o programa saussuriano, de fato, contém uma semântica, a ser encontrada, de modo especial, na teoria do valor.

Segundo suas indicações, busco definir que tipo de semântica o CLG permite deduzir, bem como mostrar como a formulação saussuriana sobre o sentido pode encontrar a psicanálise.

Se existe uma semântica no CLG, qual a sua especificidade?, pergunta-se Normand. Na busca dessa especificidade, em primeiro lugar, ela (1990, p. 37) afirma que essa semântica não deve separar o léxico da gramática, nem pode ser confundida com uma lógica. Explico abaixo esses aspectos.

²⁵ Segundo C. Normand (apud Dosse, v. 1, 1993, p. 68), é a formulação desse conceito que garante a *ruptura* efetuada por Saussure, sua contribuição essencial, e não na formulação do arbitrário do signo, tese de que todos os lingüistas estavam convencidos no final do século XIX, tendo já adotado o ponto de vista convencionalista e rejeitado o modelo naturalista.

O valor lingüístico resulta de dois tipos de relações: relação do significado com o significante e relação do signo com os outros signos do sistema. Um termo, fixado no léxico, só adquire valor lingüístico quando for tomado no conjunto do sistema. Se é assim, cai por terra a tradicional separação entre léxico e gramática, entre o estudo morfológico e semântico das unidades. Léxico, morfologia e sintaxe estão relacionados ao mesmo funcionamento e, então, ao mesmo tipo de análise, o que confirma a exclusão do referente em proveito de uma descrição imanente.

Para Saussure, a existência da relação forma-sentido é um dado, não havendo necessidade de explicar por que e como ela se instaura; o propósito do autor é o de acentuar para o locutor, assim como para o lingüista, que essa relação é indissolúvel. Metodologicamente, a consequência dessa afirmação é a de que não pode haver duas lingüísticas ou mesmo duas etapas no estudo dos fatos lingüísticos: uma análise formal, seguida de uma análise do sentido, que resultaria na interpretação. É por isso que o programa saussuriano não se reduz a um logicismo que trata separadamente sintaxe e semântica e que faz desta última o estudo da representação do mundo na língua.

Ainda na tentativa de especificar o tipo de semântica que pode ser apreendida do CLG, Normand distingue a *significação do valor*, afirmando que é na teoria do valor que se deve procurar a indicação de uma semântica possível em Saussure. Segundo a autora, a *significação é apenas um elemento do valor*, que se define por dois tipos de relações: uma, estabelecida entre o significado e o significante, o que corresponde à significação na acepção tradicional; a outra é aquela que o signo mantém com os outros signos do sistema. Este segundo tipo de relação vale, sabe-se, para todo fato lingüístico, seja ele lexical ou gramatical. Assim, apesar de sua significação equivalente, diz-se que o francês *mouton* e o inglês *sheep* não têm o mesmo valor. Já que é preciso comparar a palavra que tem valores semelhantes com outras palavras que lhe são opostas, o valor diz respeito a um domínio maior do que a significação, conclui Normand.

Por outro lado, o *valor é um elemento da significação*. A análise dos valores opera sobre os dois eixos, o das combina-

ções lineares (em presença) e o das associações virtuais (em ausência). Qualquer elemento de uma frase se encontra na intersecção desses dois eixos, uma vez que entra numa combinação e seu lugar pode ser ocupado por um outro elemento, contanto que este último tenha as mesmas propriedades combinatórias. Se *défaire* (desfazer) é um sintagma é porque ele se apóia em duas séries de associações: *décoller* (descolar), *déplacer* (deslocar), *découdre* (descosturar), etc. e *faire* (fazer), *refaire* (refazer), *contrefaire* (contrafazer), etc.²⁶

De acordo com Normand, o eixo associativo, em Saussure, desempenha um papel mais abrangente; as associações ligadas a qualquer palavra são muito diversas, flutuando em torno dela em número indefinido. Assim a *constelação* que o autor sugere em torno de *enseignement* (ensinamento) contém também *changement* (mudança), *jugement* (julgamento), podendo assumir em uma frase, o mesmo lugar de *clément* (clemente), *justement* (justamente), e - por que não? - *châtiment* (castigo) ou *en s'aimant* (amando-se), que podem ser associados a *enseignement* por variações pessoais, autorizadas e/ou suscitadas pela própria língua. Como se vê, nessa *constelação*, de fato, entram elementos que não é por serem lingüísticos que deixam de ser menos heterogêneos, o que mostra a impossibilidade de uma análise *sem resto* dos fatos lingüísticos. Esse resto eminentemente variável, e aliás indefinido, escapa a uma análise rigorosa. No entanto, ninguém duvida de que ele existe e intervém em graus diversos na significação da palavra em uso, desde que a psicanálise tornou familiar o método das *associações livres*²⁷.

²⁶ Mantenho as palavras em francês, porque, na tradução para o português, nem todas ilustram o aspecto que a autora quer enfatizar.

²⁷ Freud ensina que para se chegar a um sintoma na psicopatologia analítica se deve seguir o texto das *associações livres*. O ponto de partida para a interpretação pode ser fornecido por uma palavra indutora ou por um elemento do sonho, considerando-se livre o desenrolar das associações, na medida em que não é orientado e confrontado por uma intenção seletiva. Essa liberdade acentua-se no caso de não ser fornecido qualquer ponto de partida. É nesse sentido que se fala de *regra da associação livre* como *regra fundamental*; o analisando é convidado a dizer o que pensa e sente, sem nada escolher e sem nada omitir do que lhe vem ao espírito, ainda que lhe pareça desagradável, ridículo, desprovido de interesse ou despropósito. A partir daí, é possível encontrar o caminho para o que o paciente tinha esquecido ou de que se defendia.

O conceito de valor - mais abrangente do que a significação tradicional, que tratava da relação palavra/referente - permite então que, de um lado, se estude o sentido, a partir de Saussure, contrariando a opinião corrente de que o autor descuidou, em seu projeto, do aspecto semântico, e, de outro, sugere que não pode haver domínio completo e formalizado do sentido, ou seja, análise lingüística sem falha.

5. Considerações Finais: do que Retorna ao Campo do Discurso

O presente artigo dedicou-se a mostrar que o objeto circunscrito pela lingüística pertence ao domínio da totalidade por ter descartado uma série de fenômenos que lhe são constitutivos. Conforme o item 3, as tentativas de contemplar isso que fica fora, freqüentemente, arriscam a promover a desconstrução do objeto da lingüística - o próprio da língua - em favor de outros domínios. No entanto, essa exterioridade não pode mais ser desconsiderada pela lingüística, pois trabalha incessantemente a língua, comprometendo a regularidade do sistema.

A idéia básica que está por trás da discussão desenvolvida nos itens anteriores é a de que a própria teoria saussuriana, articulando-se as noções de signo e de valor, definidas no CLG, e as formulações sobre os *Anagramas*, permite "acolher" no objeto língua aquilo que lhe é exterior.

O reconhecimento da pertinência do conceito de *lalangue* para a lingüística permite manter a referência saussuriana, atravessada, no entanto, pelo que *sobra* quando da operação de constituição do objeto. Aceitar este ponto de vista é deparar-se com a necessidade de reconfigurar o objeto *língua* na abordagem do discurso que faz apelo à lingüística. Para desenvolver esse aspecto, tomo formulações de Milner como ponto de ancoragem. Busco também apoio no estudo empreendido por Flores (1997) que apresenta uma descrição do *discurso indireto* a partir da redefinição do objeto *língua* pela ótica milneriana.

Retomando Milner, se na língua há o Um e é isso que torna possível a singularização da lingüística, observa-se tam-

(...) O método das *associações livres* destina-se, enfim, a pôr em evidência uma ordem determinada do inconsciente (Teixeira & Flores, 1995, p. 6).

bém que esse Um não cessa de ser desestratificado pelo não-todo de *lalangue*. Duas teses, então, articulam o objeto da lingüística na perspectiva milneriana (ibid, p. 72):

- a língua suporta o não-todo de *lalangue*
- a língua é um todo.

A proposta do autor é que esse não-todo se manifesta como uma série de *pontos de impossível*, formando uma rede, rede essa que é representável. A lingüística tem então relação com *lalangue*, pois o *real* só pode ser tocado a partir do Todo. Dito de outro modo, *lalangue* não cessa de se exercer na língua e de desfazer o conjunto regular. Eis as palavras de Milner (ibid, p. 73):

A lingüística, tendo por objeto um todo, sofre a lei do todo: ela deve percorrê-lo como tal, consagrada a ser exaustiva quanto à sua extensão e consistente quanto à sua intenção. Mas, ao mesmo tempo, ela tem de conhecer pontos onde o não-todo imprime sua marca, e introduz sua estranheza inquietante nas cadeias da regularidade: com isso, a consistência é afetada, de sorte que dois imperativos se contradizem: não seria possível haver aí exaustividade sem inconsistência, nem consistência sem inexaustividade.

Em suma, por Milner, tem-se que:

- o conceito de língua é não-todo
- a lingüística se institui pela falta
- a falta insiste e é representável.

Reconhecer que a lingüística não pode ignorar *lalangue* nem o não-todo que sem cessar marca suas totalidades, significa reconhecer também a necessidade de redimensionar seu objeto para que ele *suporte* isso que lhe foi atribuído como *exterioridade*. Segundo Flores (1997, p. 134), a alternativa que se coloca para o lingüista afinado com a perspectiva milneriana é a de elaborar uma teoria que dê conta *da regularidade desse objeto e da ruptura dessa regularidade*.

Tais formulações afetam o alcance do conceito de *exterioridade* na abordagem do discurso. Se aquilo que a lingüística clássica considera como exterior a seu objeto passa a ser visto como integrando-o constitutivamente, a exterioridade *não está*

além do objeto, mas pertence a ele (ibid, p. 135). Dito de outro modo, o "exterior" não está fora, mas faz parte do objeto da lingüística. Fica abolida a dicotomia centro (língua) e periferia (extralingüístico), pois a língua é percebida como uma *realidade de atravessamentos* (ibid, p. 135). Pela reconfiguração do objeto e do método de sua disciplina, na direção aqui indicada, talvez o lingüista possa escapar do *tédio* imanentista, sem cair no outro extremo, a dissolução desse objeto em outros domínios.

Creio que as reflexões aqui trazidas podem ser úteis para uma perspectiva de abordagem do discurso como a de M. Pêcheux, por exemplo, que inclui a lingüística no seu quadro epistemológico e toma a psicanálise como exterioridade teórica. Se a psicanálise está colocada, a análise dos processos discursivos terá necessariamente que operar com uma noção de língua que suporte o *real* do não sistemático. Sem abandonar a língua - invariante suposto desde sempre - trata-se de entender que essa homogeneidade é atravessada necessariamente por uma série de equívocos.

Finalmente, gostaria de indicar pelo menos dois autores cujas abordagens podem trazer grande contribuição aos estudos do discurso, uma vez que possibilitam uma abertura ao "exterior", desde um posicionamento que não abre mão dos princípios saussurianos: E. Benveniste e J. Authier-Revuz.

Benveniste é o autor que permite transitar, com Saussure, da língua, à enunciação e ao discurso. Se tormarmos *O aparelho formal da enunciação* (1989)²⁸, vamos ver que o autor dedica-se aí a definir a enunciação no quadro formal de sua realização, começando por conceituá-la como este *colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização* (ibid, p. 82). Enunciar é, pois, transformar individualmente a língua - mera virtualidade - em discurso, sendo nessa passagem que se dá a semantização da língua. A relação do locutor com a língua é então, para Benveniste, o que determina os caracteres lingüísticos da enunciação.

É na definição do quadro formal em que se realiza a enunciação que Benveniste faz aparecer, na própria estrutura da língua, a presença constante de elementos do discurso: o

²⁸ Originalmente publicado em *Langages*. Paris: Didier-Larousse, 5º ano, n. 17, 1970.

sujeito e a referência. Ao estudar determinadas formas da língua - como os índices de pessoa (EU/TU), os índices de ostensão (este, aqui), os tempos verbais - o autor conclui que há elementos que, emanando da enunciação, *não existem senão na rede de "indivíduos" que a enunciação cria e em relação ao "aqui-agora" do locutor* (ibid, p. 86). É a subjetividade afetando o sistema formal que aí está colocada, idéia essencial sobre a qual o trabalho de Authier-Revuz vai se construir.

Na conferência *Langue/Discours: clivages théoriques et incidences sur la description* (exemples dans le champ métalingagier), proferida por Authier-Revuz em 16 de janeiro de 1998²⁹, antes de propriamente falar sobre o modo como se propõe a abordar a enunciação, a autora procura definir as linhas teóricas pelas quais seu trabalho se pauta. Nessa ocasião, ela afirma sua filiação a Saussure quando toma como ponto de partida de sua pesquisa a *língua como ordem própria*, o que significa não ter que recorrer a categorias psicológicas ou interativas (do tipo "distância", "estratégias de desdobramento do enunciador", etc.) para estudar a enunciação, mas a uma configuração formal: a *modalidade autonímica*. Embora reconheça a ordem da língua como afetada por elementos que lhe são "exteriores", ela não concorda que o objeto da lingüística aí se perca. Se, por um lado, Authier-Revuz propõe a viabilização do trânsito entre a língua e a enunciação - e, nesse sentido, seu empreendimento escapa ao imanentismo a que a lingüística aderiu para preservar sua cientificidade - por outro lado, isso não pode se dar por um ato de dissolução do objeto tal como é definido por Saussure. Benveniste aparece então como uma referência forte em seu trabalho, pois a unidade do projeto do autor está exatamente nessa vontade de *continuar Saussure, ultrapassando-o* (Normand, 1996, p. 137).

O reconhecimento da língua como ordem própria, desestratificada, no entanto, pelo equívoco, a indicação de que

²⁹ A conferência, realizada na rue St. Jacques, 45, sala M, integrou o seminário RES (Recherche en Énonciation et Sens), de que participei no período de vigência de minha bolsa de estudos (dezembro de 1997 a abril de 1998) no Centre de Linguistique Française (Sorbonne Nouvelle - Paris III). Esse seminário, ministrado semanalmente por J. Authier-Revuz e B. Bosredon, tratou de questões de semântica e enunciação.

certas formas da língua - como os pronomes pessoais, os tempos verbais, os performativos, os delocutivos, a modalização autonímica - são os sinais, na língua, *do que lhe é radicalmente outro* (Milner, 1982, p. 336) são pressupostos essenciais que, acredito, devam ser levados em conta pela análise de discurso que faz apelo ao campo da lingüística.

Referências Bibliográficas

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *D.R.L.A.V.* (26): 91-151, 1982.
- _____. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1995.
- _____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 81-90.
- CERTEAU, Michel de (1980). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHEMAMA, Roland (org.). *Dicionário de psicanálise*. Larousse. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CULLER, Jonathan. *As idéias de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo I: o campo do signo, 1945/1966*. São Paulo: Ensaio, 1993.
- DUCROT, Oswald. *Langue et parole*. In: DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1995. p. 245-251.
- FLORES, Valdir. *Enunciação e subjetividade: o discurso indireto e a hipótese de uma semântica metaenunciativa*. Porto Alegre. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. (Tese de doutorado).
- GADET, Françoise. *L'analyse de discours et l' "interprétation" (à propos de therapeutic discourse)*. *D.R.L.A.V.*, n. 27, Paris, 1982.

- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. *La langue introuvable*. Paris: Maspero, 1981.
- HENRY, Paul. Sens, sujet, origine. *Linx* (19): 29-42. Université de Paris X - Nanterre: 1988.
- LACAN, Jacques. (1972/3). *O Seminário* - livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LEITE, Nina. *Psicanálise e Análise do Discurso: o acontecimento na estrutura*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
- MAINGUENEAU, Dominique. "Langue" et "Discours": la linguistique et son double. *D.R.L.A.V.* (39): 21-32. Paris, 1988.
- MILNER, Jean-Claude. *Ordres et raisons de langue*. Paris: Seuil, 1982.
- _____. (1978). *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- _____. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- NORMAND, Claudine. Le sens en question. In: NORMAND, Claudine (org.). *La quadrature du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990, p. 7-22.
- _____. Le CLG: une théorie de la signification? In: NORMAND, Claudine (org.). *La quadrature du sens*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990, p. 23-40.
- _____. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, Sérgio et al. *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996. p. 127-152.
- PÊCHEUX, Michel. Sur la (dé-)construction des théories linguistiques. *D.R.L.A.V.* n. 27, 1982, p. 1-24.
- _____. Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours. *Mots*, n. 9, 1984, p. 7-17.
- ROUDINESCO, Elisabeth Jacques Lacan: *Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras* (Os Anagramas de Saussure). In: Os Pensadores São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. *Da subjetividade na linguagem: lingüística e psicanálise*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1996.
- TEIXEIRA, T. Marlene L. *A presença do Outro no Um: um exercício de análise em canções de Chico Buarque*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1998. (Tese de Doutorado)